



## **CARTOGRAFIA DE UMA INFÂNCIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS QUE ARTICULAM FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO EDUCACIONAL DE UMA CRIANÇA SURDA**

Graziele Gonçalves Fülber – UFRGS<sup>1</sup>  
Adriana da Silva Thoma – UFRGS<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto é parte de uma investigação que teve como objetivo acompanhar, através do método da cartografia, a infância e as experiências educacionais de uma criança surda através de imagens (fotografias) produzidas por ela em uma escola de surdos, uma escola infantil comum e no contexto onde vive com sua família. Nesse trabalho, focamos nosso olhar nas fotografias produzidas em seu contexto familiar e que possibilitam pensar sobre as articulações entre a família e o processo de escolarização da criança. Para as análises, articulamos o método da cartografia às noções do campo dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos. A criança frequenta duas escolas no município de Porto Alegre/RS: uma escola infantil comum e uma escola bilíngüe para surdos onde tem atendimentos de educação precoce e convive com outras crianças surdas e professores (ouvintes e surdos) bilíngües. A criança surda, a partir das imagens que produziu, nos mostrou que as escolas estão sendo significativas para ela e que a família e o contexto em que vive são mobilizadores do desejo de frequentar as mesmas.

**Palavras-chave:** cartografia - infância Surda - experiências educacionais

### **Introdução**

Este texto é parte de uma investigação que teve como objetivo acompanhar, através do método da cartografia, a infância e as experiências educacionais de uma criança surda através de imagens (fotografias) produzidas por ela em uma escola de surdos, uma escola infantil comum e no contexto onde vive com sua família. Nesse trabalho, focamos nosso olhar nas fotografias produzidas pela criança em seu contexto familiar, imagens que nos possibilitam pensar sobre as articulações entre a família e o processo de escolarização da criança.

Esse estudo está situado no campo dos Estudos Surdos<sup>3</sup> e nos Estudos Culturais<sup>4</sup>, fazendo uso do método da Cartografia<sup>5</sup>. Caracteriza-se, assim, em uma pesquisa-intervenção interessada em acompanhar o processo de escolarização de uma criança surda.

---

<sup>1</sup> grazielefulber@gmail.com

<sup>2</sup> asthoma@terra.com.br

<sup>3</sup> Os Estudos Surdos estão na luta contra a interpretação da surdez como deficiência ou experiência de uma falta, entendendo-a como uma diferença e uma experiência visual. Os Estudos Surdos buscam nos Estudos Culturais um horizonte epistemológico na definição da surdez, onde ela passa a ser reconhecida como uma questão de “diferença política, de experiência visual, de identidades múltiplas”, um território de representações diversas que se relaciona, mas não se refere aos discursos sobre a deficiência. (SKLIAR, 2005, p.11)

A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2011 e as fotografias produzidas nas escolas que a criança frequenta e no contexto em que vive com sua família. Nas escolas, as imagens registram momentos, cenas e personagens significativos para ela em suas experiências escolares. No contexto familiar, vemos que as “coisas das escolas” ocupam lugar de destaque: o tênis e a mochila são objetos bem cuidados e escolhidos para serem fotografados por ela, nos levando a supor que o processo de escolarização é algo significativo tanto para a criança como para sua família.

No início da investigação, pensávamos em realizar oficinas de fotografia com crianças surdas na escola bilíngüe, entregando a elas câmeras digitais para que registrassem imagens de acordo com suas escolhas. Mas no percurso cartográfico, acabamos centrando nosso interesse investigativo em apenas uma criança, uma menina de cinco anos de idade.

### **Quem é a criança surda, sujeito da pesquisa?**

A criança surda dessa pesquisa é uma menina que brinca, inventa maneiras de aprender e está geralmente com um sorriso no rosto. Ela foi escolhida para ser o sujeito da pesquisa por ter experiências que vão além da surdez: nasceu com uma má formação congênita e necessita usar fraldas para defecar, depende que alguém faça sua sonda, única maneira de extrair sua urina.

Essa criança frequenta duas escolas no município de Porto Alegre/RS: uma escola infantil comum localizada na Ilha Grande dos Marinheiros, onde está incluída em uma turma de ouvintes, e uma escola bilíngüe para surdos onde tem atendimentos de educação precoce e convive com outras crianças surdas e professores (ouvintes e surdos) bilíngües.

Na escola infantil comum, a professora relata que a criança:

“[...] é uma menina sapeca, adora comandar as brincadeiras, fazer bagunça e fofoca dos colegas. [...] Coloquei o DVD da Xuxa, ela visualizou e notou os bichos, começou a fazer o sinal de cada um e ao mesmo tempo prestando atenção na turma se estavam fazendo igual a ela, se achando o máximo, até parecia a profe.”

E na escola bilíngüe, a professora que faz os atendimentos de educação precoce relata:

“A gente não entende o surdo com transtorno no desenvolvimento. Então a gente pensa ele de outro jeito, que ele tem que conviver com outras crianças. Mas, o espaço também não permite que eles possam estar aqui todos os dias, possam ter um

<sup>4</sup> Os Estudos Culturais não se configuraram como uma disciplina, mas como uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. Porque “os Estudos Culturais não são simplesmente interdisciplinares; eles são freqüentemente, como outros têm dito, ativa e agressivamente antidisciplinares – uma característica que, mais ou menos, assegura uma relação permanentemente desconfortável com as disciplinas acadêmicas”. (NELSON, TREICHLER e GROSSBERG, 2003, p.8)

<sup>5</sup> A cartografia se constitui em uma possibilidade metodológica de pesquisa e intervenção, é uma prática investigativa que, ao invés de buscar um resultado, procura acompanhar o processo.

grupo maior, porque a sala não dá conta. [...] A criança tem um desenvolvimento que é dela.”

### **A produção de imagens/fotografias pela criança**

Acreditamos que ao clicar na câmera digital, a criança consegue materializar uma imagem que verbaliza o seu desejo e que esta imagem dos desejos é a materialização dos seus pensamentos. Assim, foram os possíveis sentidos das imagens capturadas pelo olhar da criança que interessaram para as análises e não a criança “em si”.

Entendemos que quando falamos sobre infância estamos falando de múltiplas possibilidades de ser criança, da importância de escutarmos a quem queremos capturar em nossas práticas pedagógicas, o que não se reduz a deixá-las falar com a “nossa voz”, mas darmos atenção ao que elas estão dizendo. Não cabe realizar nenhuma explanação exaustiva do que é Infância, pois isso já foi feito por vários outros pesquisadores<sup>6</sup>. Partimos do pensamento filosófico educacional ocidental, onde infância, segundo Kohan (2004, p.52), “é entendida em primeira instância como potencialidade”. Para pensar com a infância surda, nos aproximamos da filosofia de um pensar.

Um gesto, a crítica radical do próprio pensar e da própria filosofia, a velocidade de um pensamento que não se deixa deter em qualquer ponto fixo. A tentativa por fazer do pensamento uma política da insatisfação, do não conformismo da permanente criação como figura constituinte da filosofia. A infância instalada no centro do pensar, da atividade filosófica. (KOHAN, 2003, p.117)

A infância, a partir da filosofia da diferença, pode ser entendida como motivadora de um pensar sobre si mesma, e como possibilidade para abrir-se a outros lugares não pensados. Pensar a Infância, para Kohan (2003, p.118) é não pensar pela verdade do conhecimento produzido, “mas pelo valor da experiência de pensamento impulsionada.”

O que nos interessa é o pensar, mas o que ele significa?

Pensar sobre o pensar é uma forma de preocupação clássica na filosofia. Mas, não se trata apenas de uma preocupação, senão de uma prática: cada pensador não só pensa o que significa pensar, mas também traça uma nova imagem do pensamento, intervém decisivamente no modo de pensar de seu tempo. (KOHAN, 2003, p.209).

A noção de pensamento como uma experiência tem seu sentido amplo, um pensar que defende o saber, o fazer e o sentir, o pensar como atividade e experiência do sujeito, o pensar

---

<sup>6</sup> “Analisando textos, retratos, brinquedos e roupas antigas, Ariès mostrou que a construção da infância não aconteceu repentinamente. Se foi a partir do século XVI que começou a se estabelecer a criança como um outro - isso é, que começou a ficar claro aquilo que esse autor denomina *sentimento de infância* -, foi só no início do século XVIII que se estabeleceu, com nitidez, a figura da primeira infância; e foi só mais tarde, já no final do século XIX, que surgiu o bebê” (VEIGA-NETO, 1999, p.2). A história da infância também pode ser lida em Bujes (2002), Narodowski (2001), Dornelles (2005), entre outros.

que cria uma relação do sujeito ao mundo e a si mesmo, e desenvolve atitudes críticas e criativas. Não existe, neste sentido, um conceito pronto e acabado sobre o pensar.

Estamos geralmente acostumados a pensar pela Infância, entretanto:

Pensar com o outro é encontrar-se com a idéia, outro conceito, outro acontecimento de pensamento. Como se fossem duas pedras a serem friccionadas. Não há nada que reconhecer, ninguém por homenagear, nada por adequar. É o acontecimento do encontro que se passa entre duas idéias, conceitos, acontecimentos. (KOHAN, 2003, p.209)

E o que significa pensar com a Infância Surda?

O grande desafio desta investigação foi, a partir do olhar de uma criança surda, mostrar suas experiências e seus pensamentos para nos fazer, quem sabe, pensar a educação da infância surda e a nós mesmos de outro lugar. Ter uma criança surda como sujeito da pesquisa é um desafio, pois uma coisa é pesquisar o que se diz sobre ela, outra é querer saber o que ela diz sobre sua infância e sobre suas experiências educacionais.

Como já colocado anteriormente, buscamos, a partir de imagens produzidas através de fotografias por uma criança surda, problematizar os sentidos dados por ela a sua infância e as suas experiências educacionais. Então não foi qualquer sentido que nos propusemos a analisar, mas aquele(s) dado(s) por um sujeito que é competente, que sabe pensar e fazer escolhas, que por muito tempo foi – e muitas vezes ainda é – silenciado.

Marianne Stumpf, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), escreveu, no texto *Pedagogia Surda no contexto cotidiano da inclusão: espaços, práticas e políticas dentro e fora*<sup>7</sup>, que “aqui no Brasil, estamos construindo a Pedagogia Surda, quando colocamos que a criança surda deve viver sua cultura desde sempre e que a pedagogia surda precisa estar presente o antes possível na realidade cotidiana da criança surda”.

As crianças surdas, até o momento, pouco foram escutadas; se as escutássemos, talvez pudéssemos construir uma escola que respeitasse suas diferenças identitárias, lingüísticas e culturais.

Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidas em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto de sistema de ensino. Na verdade, esse sistema em que vivemos nada pode suportar: daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo que sua força global de repressão. (FOUCAULT; DELEUZE, 2006, p.72)

Sobre o “olhar” como um marcador da cultura e das identidades surdas, Maura Corcini Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2006, p.90) escrevem que:

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://feneis.com.br/arquivos/PedagogiaSurda\\_Marianne.pdf](http://feneis.com.br/arquivos/PedagogiaSurda_Marianne.pdf)> - Acesso em 14/05/2011.

o olhar surdo, que é mais que um sentido, é uma possibilidade de ser outra coisa e de ocupar uma posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que lhe permite contemplar-se um modo de vida de diferentes formas, o cuidado uns sobre outros, o interesse por coisas particulares, o interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda.

### **Sobre o método da cartografia**

Utilizamos a cartografia como método de pesquisa-intervenção e esse método tem uma série de particularidades. É um método que não se aplica, mas se pratica. Quer dizer, não há um conjunto de passos abstratos, a priori. Nesse sentido, trabalha-se com um modo de fazer pesquisa que se inventa enquanto se pesquisa, de acordo com as necessidades que surgem, de acordo com os movimentos de um plano de estudo em questão.

A cartografia como uma possibilidade metodológica de pesquisa e intervenção é uma prática investigativa que, ao invés de buscar um resultado, procura acompanhar o processo. Em *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, Eduardo Passos e Regina Barros (2010, p.17) escrevem: “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação”. Ao acompanhar processos, Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2010, p.56) enfatizam: “sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita”.

De acordo com Eduardo Passos e Regina Barros (2010, p.30):

defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde o conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes que os liga (...). Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem conseqüências políticas. [...] O método assim reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. [...] Assim, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho.

A cartografia não depende de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador. A cartografia tem a primazia do encontro, de fazer “[...] falar aquilo que ainda não se encontrava na esfera do já sabido, acessar a experiência de cada um, fazer conexões, descobrir a leitura, a brincadeira, os elos e tudo que vive no cruzamento e nas franjas desses territórios existenciais.” (BARROS e KASTRUP, 2010, p.61).

A experiência de cartografar com uma criança surda foi registrada em um diário de campo, onde anotações e reflexões descrevem o processo investigativo, que aconteceu a partir

das observações feitas sobre os registros e escolhas dos objetos, pessoas, cenas que foram sendo capturados pelo olhar da criança surda.

### **Conhecendo o contexto onde a criança vive com sua família**

A criança cujas experiências escolares e a infância foram acompanhadas durante a investigação, vive com sua família na Ilha Grande dos Marinheiros. Essa ilha situa-se na Área de Proteção Ambiental do Delta do Jacuí, no início do Lago Guaíba no município de Porto Alegre. Nesse lugar muitas pessoas e famílias trabalham na reciclagem de lixo, entre as quais a família da criança que acompanhamos. Os pais da menina e um de seus irmãos são catadores de papel. O lixo coletado é armazenado no pátio onde moram e vendido uma vez por semana para uma empresa de reciclagem que busca o material com um caminhão. A mãe também é a responsável por cuidar dos filhos e levá-los para as escolas, enquanto o pai trabalha todos os dias na coleta de papel.

Na casa vivem cinco pessoas: o pai, a mãe, a menina surda e outros dois irmãos, com treze e quatorze anos de idade. Um dos meninos foi diagnosticado com autismo e o outro, segundo a mãe, “não consegue aprender nada”.

A mãe é quem se responsabiliza por levar e buscar a menina nas escolas. Na escola infantil, a menina tem aula de segunda à sexta-feira no turno da manhã e na escola bilíngüe os atendimentos são realizados duas vezes por semana no turno da tarde.

### **Imagens produzidas pela criança no contexto familiar e possíveis articulações com o processo de escolarização vivido por ela**

Nas idas até a Ilha dos Marinheiros, durante o percurso cartográfico para acompanhar a criança, ela produziu imagens de sua mãe, do seu cachorro, do cavalo da família, de sua cama, do seu quarto, da televisão e de objetos que usa para ir às escolas, em particular o tênis e a mochila.



“Tênis”



“Mochila”

Um tênis atirado em um canto do quarto de uma criança, o que poderá ter de significativo, assim como uma mochila em cima de uma mesa? Chamamos de marcas das escolas o “tênis” e a “mochila” fotografados por ela e supomos que a escolha por fotografar esses objetos signifique que as escolas, para essa criança, seja um lugar de encontro com o outro surdo e com o outro criança.



“Cama”

A cama é identificada pelas cobertas que estão organizadas e colocadas em cima de uma caixa com brinquedos em um canto do quarto. O quarto é um espaço reservado para ela, construído pelo seu pai. A iluminação do quarto é natural, “com alguns reparos para fazer”, segundo a fala da mãe. No quarto, que é seu espaço dentro de casa, estão seus brinquedos, suas roupas, sua mochila, seus tênis, todos os seus pertences.



“Quarto”



“Televisão”

“Ela gosta mesmo é de televisão”, segundo a mãe. A televisão fica localizada no quarto dos pais, em cima de um balcão. É uma televisão de vinte polegadas, colorida e nela a criança assiste os desenhos e DVDs, sentada na cama do casal.

### **O lugar da imagem, do olhar, do visual na educação da criança surda**

Sabemos que o pensamento é muito mais do que uma imagem. Mas pretendemos explorar em que medida o renascer de uma imagem pode permitir pensar de outra forma, ser de outra forma, agir de outra forma em educação. Nos preocupa em que medida a afirmação do novo no próprio pensamento e naquilo que se deixa pensar por ele pode propiciar outras formas de pensar a educação, de educar no pensamento e de ser educados pelo pensamento. (KOHAN, 2003, p.212)

Nos Estudos Surdos muito tem se afirmado que os surdos aprendem pelo “visual”. Trazemos alguns apontamentos, a partir das discussões formuladas por Lulkin (2005), no artigo “O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada”, no qual o autor destaca que a educação dos surdos deixou marcas, na história e na cultura europeia a partir do século XVIII, algumas investigações legitimadas pela ciência moderna que contribuíram para um discurso hegemônico do surdo como deficiente, desautorizando suas competências e escravizando sua língua e sua cultura.



A criança apresentou, na maioria das imagens que produziu, “expressões”, de variados jeitos. Assim, com Lulkin (2005, p.44), pensamos “na expressão como os atos comuns da comunicação, [...], com o máximo aproveitamento dos recursos da imagem.”

Valéria Gonçalves Scangarelli Matte (2011), surda e professora de crianças surdas, escreve em seu artigo *Transformações no Mundo dos Surdos*, sobre algumas estratégias de ensino que considera primordial na Educação de Surdos. A autora declara, ainda, a necessidade da valorização da cultura visual na educação das crianças surdas. Dentre as questões colocadas por ela, destacamos:

Cultura visual significa que todos os membros da comunidade escolar têm na visão algo muito importante para o aprendizado e as interações sociais;

A visão é algo forte para os surdos, e não se resume a materiais didáticos nem a língua de sinais em si;

O próprio fato de visualizar os colegas e os professores de forma confortável e constante é como se fosse um ponto decisivo para o surdo “entrar” no ritmo da aula e realmente interagir com os outros.

A disposição das mesas em semi-círculo com o professor (e com o intérprete, se for o caso) é o ideal e isso é bastante fácil entender pelo fato da Língua Brasileira de Sinais ser uma língua visual, permitindo que o Surdo tenha mais atenção na aula;

Se apropriar, gostar, sentir-se bem na escola, tudo isso requer visualidade nos surdos, é através da visão que as coisas começam a ter sentido.

A visão é o meio que os surdos começam a entender todos os conteúdos escolares e tudo o que possam aprender na vida, a visão faz com que os surdos consigam “ler” tudo que está a sua volta;

Os surdos estão todo o tempo “lendo” as imagens que percebem à sua volta e por isso a escola deve prestar atenção na maneira como os surdos estão construindo os significados. O sucesso escolar dos surdos vai depender do quanto conseguirem compreender visualmente os conteúdos, e para isso os professores devem saber como os surdos fazem a leitura. (MATTE, 2011, p.3-4)

Trazer essas questões aqui não se trata de fazermos descrição de algumas estratégias de ensino, mas sim considerar tais discussões. Interessa-nos não somente aquilo que diz respeito à cultura visual, mas também tentar entender como os surdos fazem a leitura do mundo e se apropriam de significados. Nestas discussões formuladas por Matte (2011), predomina a leitura dos surdos que está atrelada a sua cultura. Diante disto, ela afirma que “o sucesso escolar dos surdos vai depender do quanto conseguir compreender visualmente os conteúdos” (MATTE, 2011, p.6).

### **Outros registros feitos pela criança**

O que pulsa quando a criança clica a câmera digital, naquele espaço onde ela mora, convive e vive? Que lugar a mãe ocupa na vida dessa criança? É a mãe que a cuida, que a alimenta, que a veste, que a leva nas escolas, que está sempre ao seu lado. No contexto desta

família, a mãe aparece como a percursora, a que encoraja os filhos, acolhe, se faz presente. Para Sayão e Aquino (2006, p.43): “[...] no mundo volátil em que vivemos, o lugar materno parece ser um dos únicos que resiste à erosão do tempo. A mãe sempre está lá, de um modo ou de outro.”

A mãe cuidadora dos filhos, o pai trabalhador na reciclagem de lixo. Ao atentar na família o propósito é, juntamente com a criança, olhar a sua infância, nesse contexto que também é de experiências educacionais, pois:

A escola e a família foram as duas instituições carregadas, na modernidade, de levar a cabo a tarefa de moldar o futuro representado pelos mais novos, valendo-se, para tanto, da disseminação da crença de que era preciso submetê-los a um longo périplo formativo, a título e preparação para seu ingresso na vida adulta. É tão verdade que a família e a escola detinham classicamente essa incumbência de moldagem do futuro, que poderíamos relembrar algo bastante corriqueiro até há pouco tempo: no caso familiar, a expectativa era a de que os filhos se tornassem o que os pais não conseguiram ser. (AQUINO, 2011, p.116)

Em uma das conversas com a mãe, ela declarou que vai fazer de tudo para que a criança estude, aprenda, já que não teve a mesma oportunidade. Pelas condições dos outros filhos, já relatadas acima, acredita que eles não conseguirão “ir adiante na escola”.

Além de fotografias feitas da mãe, a menina fotografou o cavalo, utilizado nas atividades de trabalho da família, e o cachorro.



“cavalo”



“cachorro”

Acreditamos que a menina tenha escolhido produzir imagens/fotografias do cavalo e do cachorro por gostar de estar com eles. Ela demonstra carinho e protege os animais, é com eles que ela brinca no pátio da sua casa. O cavalo tem uma notável importância para sua família, já que possibilita o trabalho dos pais e também é usado como transporte. Mas não pretendemos aqui ficar supondo as razões que a levaram a produzir e escolher, dentre outras imagens, estas dos animais. Nosso objetivo é pensar sobre o contexto em que ela vive e os possíveis significados das coisas daquele lugar na sua vida e na sua infância.

A criança está aprendendo a Língua Brasileira de Sinais, se expressa de várias maneiras, puxa pelo braço para que a olhem nos olhos, inventa jeitos de se comunicar e se comunica com os mais próximos que convivem com ela.

### **Considerações Finais**

Ao cartografar com uma criança surda escrevemos parte de sua biografia e “a biografia dele[a] diz algo de nós nisso tudo” (COSTA, 2010, p.54). Principalmente de sua família, de sua mãe, com quem a criança fica a maior parte do tempo. A mãe diz que vai fazer tudo que for necessário para a filha estudar, “ser alguém”, pois ninguém da família conseguiu frequentar o ensino fundamental, não sabem ler e nem escrever.

A criança surda, a partir das imagens que produziu, nos mostrou que as escolas estão sendo significativas para ela e que a família e o contexto em que vive são mobilizadores do desejo de frequentar as mesmas. A mãe é a mais participativa no processo de escolarização da criança: é ela quem leva a criança na escola comum e na escola bilíngüe, é ela quem está aprendendo a comunicação em língua de sinais e quem faz projetos de um futuro melhor para

a filha surda que recebe atenção escolar em dois espaços que se articulam e investem na criança de diferentes formas: em sua infância e na produção da sua identidade surda.

Este estudo procurou, assim, acompanhar parte do processo de escolarização de uma criança surda, com destaque para o lugar da família e os registros fotográficos feitos por ela no contexto em que vive, tentando entender as possíveis alianças que vão se estabelecendo entre os espaços – escolas e família – em que a educação da criança que acompanhamos está acontecendo.

## Referências

AQUINO, Julio Groppa. Crise, acosso e reinvenção da experiência educativa contemporânea. In: **Família e educação: Quatro olhares** / Julio Groppa Aquino [et al] .-Campinas, SP: Papyrus, 2011, p.107-142.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.52-75.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Luciano Bedin da. O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tânia Mara Galli da (Orgs.) **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p.47-69.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos Escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

KOHAN, Walter Omar. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir criança. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.51-68.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva** - Dossiê Língua de Sinais e Educação de Surdos. V.24, n. Especial - jul / dez. UFSC /CED, Florianópolis, 2006, p.81-100. Disponível em: <[http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2006\\_especial/04\\_Maura\\_e\\_Alfredo.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2006_especial/04_Maura_e_Alfredo.pdf)> Acesso 23/01/2012.

LULKIN, Sérgio Andrés. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2005, p.33-49.

MATTE, Valéria Gonçalves Scangarelli. **Transformações no Mundo dos Surdos**. Porto Alegre, 2011. (Digitado)

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder**: a conformação da Pedagogia Moderna. Tradução de Mustafá Yasbek. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p.7-38.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.17-31.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. **Família**: Modos de usar. Campinas: Papyrus, 2006.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p.7-32.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Espaços que produzem**. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/nt/ta5.11.htm>.> Acesso em 01/01/2012.